

A MÁQUINA DE ROSTIDADE E EDUCAÇÃO: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Maria dos Remédios de Brito¹
Helane Súzia Silva dos Santos²

I

A máquina não pode ser entendida a partir do mecanicismo, ela se opõe a qualquer tipo de estrutura fechada, pois a “máquina implica uma relação de emergência, de finitude, de destruição e de morte” (GUATTARI, 1992, p. 71). Deleuze e Guattari (1996) discutem as máquinas técnicas, sociais, desejanças às abstratas, esta última é uma indomável máquina de produção de objetividade-sujeitidade, emergente de um tempo atravessado pela heterogeneidade.

A máquina é operada no *socius*, no corpo, na alma. Para Guattari (1992), a história da humanidade passa por um verdadeiro criacionismo atravessado pelas concretudes e pelas virtualidades. Por mais que se busque uma unidade, o ser resulta sempre de sistemas de modelizações; sendo assim, essa configuração não passa por fixidade e nem por harmonia. As configurações materiais passam por multiplicidades, atravessando o sujeito³, de modo que não se sabe efetivamente qual elemento que o determina ou qual elemento que faz ou não parte dele.

As subjetividades são concebidas como produto e produção de agenciamentos diante das relações homem-máquina, rosto-máquina, que formam o conteúdo da subjetividade. As “máquinas são as formas conceituais com as quais se organiza a vida, se transforma o mundo, são as conexões materiais dentro das quais se produz a subjetividade” (NEGRI, 2010, p. 102).

A transversalidade, que perpassa os processos de subjetivação na atualidade, obriga a se pensar fora das estruturas fechadas, pois há configurações de produção semióticas diversas que passam pelos componentes familiares e religiosos, pelo meio ambiente, pela arte, psicologia, educação, entre outros. Assim como, elementos fabricados pelos jornais, pelas revistas, pelos blogs, pelas redes sociais, pelas novelas, pelo cinema, etc.

É importante ressaltar, que todos esses processos fazem funcionar e produzir a subjetividade, esta não é um centro nuclear de totalidade. Portanto, diante de processos tão dinâmicos e, ao mesmo tempo, conectivos é possível colocar em funcionamento uma variedade de instâncias maquínicas que não se sabe direito por onde podem ser atravessadas. Por exemplo, as novas tecnologias levam a pensar que há uma produção homogênea de subjetividade, mas se sabe que há uma tendência cada vez mais heterogênea na produção desses processos que são insuspeitos.

Essa produção maquínica atravessa o rosto, a cabeça, o corpo, em sua integralidade, não podendo ser lida na perspectiva de ser boa ou ruim, pois tudo perpassa pelos agenciamentos. Uma composição heterogênea, que carrega trocas múltiplas e maquinam produção de grupos, de coletivos, oferecendo aos sujeitos possibilidades de dobras, de diversificação para compor e recompor seus processos de corporeidade, bem como podem compor alguma forma de singularização.

¹ Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. E-mail: mrdbrito@hotmail.br.

² Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. E-mail: helanesantos@yahoo.com.br.

³ O termo sujeito não está ligado aos aportes tradicionais, sendo concebido como a instância primeira e última do conhecimento, ou como pura consciência pré-reflexiva, foco de unidade, de expressividade do saber unificador. O texto toma preferência pelo tratamento de subjetividade, esta não sendo passiva de totalização ou de centralidade. A subjetividade é efetivamente fabricada na cartografia social e cultural.

No texto intitulado “Ano Zero...”, Deleuze e Guattari mostram uma poderosa máquina abstrata, produtora de rosto que escava os buracos, os quais atravessam a subjetividade. Essa máquina opera por conexões complexas, por agenciamentos concretos de toda ordem. Eles também afirmam que ela percorre caminhos virtuais, diferenciados em suas variações e deslocamentos. Assim, uma máquina abstrata “(...) é ela mesma um território, novamente coberto de dobras, sombras variadas e alternativas possíveis” (NEGRI, 2010, p. 105).

A máquina abstrata é produção, nela há o processo de construção e desconstrução, tendo a capacidade imanente de criar, de entrar em diferentes planos, de anular diferentes linhas, de traçar redes com a capacidade de territorializar e de desterritorializar. Ela deve ser posta como capacidade de diferenciação, pois produz encadeamentos, bem como tem a capacidade de configurá-los, sendo assim, não há linearidade, também não há um peso de estado de coisas fixas.

A máquina abstrata também pode ser entendida como uma montagem heterogênea, assim como aquilo que extrai, que coloca em funcionamento uma variedade de ligações. Ela nos “... heterogeniza fora de qualquer traço unificador” (GUATTARI, 1992, p. 51). Traça forças, desejos que possibilitam inventar diariamente novas práticas, novas paixões, novas mercadorias, novas tecnologias, novos rostos.

As subjetivações se tornam vazias se não possuem rosto, e seus lugares produzem ressonâncias. O rosto é o produtor de uma redundância, ele é a moldura, a tela, o quadro no qual os desenhos significantes são postos. Por isso, ele “escava o buraco de que a subjetivação necessita para atravessar” (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 32).

Contudo, é possível dizer que o significante e o significado não se movimentam sozinhos e nem mesmo a subjetividade cava só seu buraco pelo qual atravessa o rosto. Os rostos também não se constituem sozinhos, suas concretudes nascem de uma *máquina abstrata de rostidade (máquina abstrata de codificação)*, sem dúvida, essa máquina procura assumir determinados papéis de escolhas e de seleção. Ela constrói e destrói, ela rejeita e aceita rostos. Aqueles rostos com ares suspeitos são desprezados, postos em segunda ordem de entendimento e de percepção. Parece haver sempre uma suspeita, uma zona lacunar suspensa, paisagem vaga, buraco aberto. Pontos de virtualizações impossíveis.

Rostos são montados, ao mesmo tempo em que são dobrados, desfeitos... há todo um mecanismo abstrato que passa e que não se sabe efetivamente onde ocorre a concretude ou seu estado de coisa. A máquina abstrata vai distribuindo a rostidade em todo o sistema e, assim, a rostidade vai se organizando, tomando determinados contornos e determinadas expressões, bem como certas coordenadas binárias por meio do “é assim” ou “não é assim”, “sim” ou “não” demarcando categorias que entram ou não em um campo de tolerância.

A máquina abstrata de rostidade escreve cada um de nós em um quadriculado, portanto ela produz a ordenação, as vizinhanças, procura detectar desvios, violações, e não tende a se preocupar com a individualidade, mas busca promover os universais. Essa lógica da unidade tende a delinear as arborescências, as instalações binárias, dicotômicas, em que o significado e a subjetividade podem realmente tornar-se concebíveis em solo firme. Por isso, o receio de cada ponto maquínico, discursivo, linguístico, semiótico ou de subjetividade, pode se abrir para outras conexões nômades, mesmo estando submetido às mutações permanentes.

A máquina abstrata de rostidade tem como objetivo entrar na ordem molar e bloquear os fluxos, assim nenhuma perspectiva de uma máquina nômade, que esteja além do significado e do significante, que vá para além das representações não são bem vistas. O fora efetivamente deve ser protegido, enclausurado, na perspectiva da máquina de rostidade. Ela diz não a qualquer tipo de tempestade exterior e tende a arrastar os sujeitos para um olho central, mesmo havendo fugas por todos os lados.

Os traços da rostidade não se deixam subsumir por completo, então, pode-se dizer que no rosto há sempre um por vir, uma abertura à possibilidade de ser desfeito, desarranjado. O rosto também atravessa uma paisagem, que não pode ser entendida apenas como um meio, mas como desterritorialidade. Há várias ligações sobre essa ideia de rosto-paisagem. A educação cristã traça um rosto, faz toda uma manobra com o corpo, com os sentidos, fomenta uma rigorosa disciplina, configura toda uma paisagem que faz do rosto uma pedagogia. O *close* do rosto no cinema também imprime certa pedagogia traçando uma paisagem que define tela câmera, luz, composição, foco. Até nos romances o rosto dos personagens traçam planos-paisagens. Não há rosto que "... não envolva uma paisagem desconhecida, inexplorada, não há paisagem que não se povoe de um rosto amado ou sonhado, que não desenvolva um rosto por vir" (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 38).

II

Com o que fora dito acima, indaga-se: o que a educação tem a ver com essa poderosa máquina abstrata de rostidade? A educação poderia ser entendida como um campo de sujeição? Ora, é sabido que a educação é uma questão cultural e política, ligada ao *socius e ao poder*. Com isso, a educação não deixa de ricochetear o rosto, ela também é um rosto com suas superfícies que não deixam de fomentar significações. Ela instala comandos por todos os lados, disciplina corpos, fomenta normas, institui condutas. Sempre cavando um buraco da subjetividade ou buscando um muro, um buraco para que o eu seja instalado, esse eu que nos é tão caro.

O muro educativo que diz: "você deve ser ordenado, interpretado, subjulgado ou o seu corpo deve ser articulado. Você é um significante para ser significado, portanto, você não é um desviante. Você será um sujeito, sujeitado, para não ser um vagabundo". O espaço escolar não é separado de uma educação docilizada, por isso, talvez, a gramática comum nunca é separável de uma *educação* do rosto, aliando, assim, à máquina abstrata de rostidade, pois submete a expressão para uma subjetividade comum. Dizem Deleuze e Parnet "a professora explica uma operação às crianças, ou quando lhes ensina sintaxe, não lhes dá propriamente informações, comunica-lhes injunções, transmite-lhes palavras de ordem" (2004, p. 34).

Com isso, há uma promoção à caça aos devires, pois o ideal é o requerimento de corpos e subjetividades disciplinados, para pensar a partir de Foucault (1987). Esse *corpus* autoritário determina a produção do rosto em escala social, pois opera por todo o corpo, não havendo, portanto, rosto e sujeitos prévios. Até mesmo a infância é governabilizada em todos os seus trajetos pela pedagogia escolar, não há espaço para que a criança se veja como não datada, esquadrihada, mesmo sem saber o que seja tudo isso.

Isso quer dizer que a educação não só produz um rosto como também faz esse processo com o corpo inteiro, há toda uma operação que vai cavando outras cavidades do corpo: a cabeça, as mãos, os ouvidos, a boca, a linguagem, o seio, o ventre, as pernas, os braços, os pés, a roupa, os cabelos, tudo isso vai sendo tomado pelos processos de rostidade.

O rosto sempre vai precisar dessa máquina abstrata que não se contenta em codificar somente a cabeça. Como a educação desencadeia essa máquina de rostidade? Quando determinados agenciamentos de poder entram em jogo, o poder tem necessidade de produção. Tal produção está envolvida por uma série dispersa de movimentos que se operam, que se agitam, delineando linhas e fissurando outras ou todas ao mesmo tempo.

A educação não deixa de estar presente no interior dessa máquina quando entra no campo da modelização, pois, politicamente, agencia o poder padrão normativo, bem sucedido (uma máquina de controle da vida que busca sempre a correção, a consciência, a razão, a moral). De todos os modos, busca a normalidade dos corpos, uma imagem comum a todos os rostos.

A educação não mede esforços para isso, há todo um esquema arborescente instalado que esquematiza, disciplina e organiza vidas, sexo, costume, modo de ser e ver, etc. Contudo, o pior de tudo isso não é a esterilização que atravessa a educação, mas é o esmagamento de tudo aquilo que passa pelo meio, pelo entre... Sim, existe em toda parte multiplicidades que não se deixam binarizar, dicotomizar. “Há linhas, que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e que escapam à estrutura, linhas de fuga, de devires” (DELEUZE & PARNET, 2004, p. 38).

Por isso, para além dessa unidade despótica, entende-se que o rosto é inumano, desde o início, ele é *close*, com suas superfícies brancas, com seus buracos negros, com suas cavidades, com seu vazio, seu tédio, sua angústia, seus desejos, suas ruínas, suas alegrias, seus desamparos. Se há um destino para o homem, esse será escapar do rosto universal para tornar-se a si mesmo. Para além da educação do rosto unívoco, anseia-se pela rostidade imperceptível e clandestina. O muro branco deve ser quebrado, pois no rosto há um mundo inexplorado, mundo de futuros-presentes, instantes, velocidades vitais, que nenhuma lógica linear poderá navegar.

Não é tranquilizador escapar, porque a todo o momento não se sabe para onde ir, em que meio entrar, qual fissura atravessar, em que onda nadar. É algumas vezes um terror. Por isso, buscar um rosto não é encontrar ou procurar, não é fomentar um conceito, mas um conjunto de experimentações, pois ao rosto não se chega, não se chegará, já que ele não para de deslizar... Há toda uma vigilância, mas há também um processo viajante... Sobre ele há uma guerra, uma labuta diária... O que pode um rosto? Experimentações éticas, políticas, biológicas, linguísticas... Ele atrai censura, desejo, liberdade... Para um rosto há todo tipo de *corpus* que não deixa a experimentação sossegada, contudo, o rosto está sempre no meio desde que ele se compreendeu como maquinação.... Prudência, a regra da experimentação do rosto para comportar os (im)possíveis. Aqui, os processos percorrem as singularizações ao invés das subjetividades. Assim, o que pode a educação a favor dessas passagens singulares? O que pode a educação quando não sustenta essa superfície, pois nela os buracos deixam vaziar experimentações desviantes? Nem sempre as perguntas devem ou podem ser respondidas, mas sentidas...

Referências

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água editores, 2004.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto *et al.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

FOUCAULT. M. **Vigiar e Punir**. Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

NEGRI, A. Sobre Mil Platôs. In: **Revista Lugar Comum**, n. 23-24 (Rede Universidade Nômada). p. 95-112. 2010.